

José Reis

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Sociais

A Biblioteca

O território da felicidade de António Gama Mendes?*

António Gama Mendes tinha, como todos nós, os seus territórios da felicidade. Não tenho a pretensão de os saber identificar e descrever. Como todos os territórios, os dele hão de ser múltiplos, sobrepostos e variados. Mas tenho quase a certeza que o território-território, o território dos territórios, o da felicidade de António Gama Mendes era a sua biblioteca.

Difícilmente alguém perde a memória de lá ter entrado, guiado por ele, mesmo que há muitos anos, em qualquer das suas casas que, aliás, tinham todas a mesma exata geografia, a dos livros que as recheavam. Mais difícil ainda é esquecer a profunda emoção de entrar na casa já vazia dele próprio, porém com o mesmíssimo “sentido do lugar” que ele lhe foi dando – uma presença vivíssima que vence todas as mortes. Lugar sagrado. Santuário sereno como o são todos os grandes santuários – o do Vale do Côa, por exemplo – onde se aprende como o tempo se constrói, consolida e, sobretudo, se burila. E como isso só pode acontecer havendo um lugar.

A sua biblioteca era a medida precisa do tempo ilimitado que o António sempre se concedeu para se dedicar ao essencial: à convivência com os saberes, à sua fruição intensa, à plena partilha do que nisso tudo ele conservava. Foi ali a sede da sua “vontade permanente de uma compreensão fina das coisas, uma compreensão sempre provisória, inquieta, à procura da mais sólida imaginação”. Aquele era o lugar do “universitário que se deu todo o tempo para o ser plena e integralmente”, de “um homem culto sem fronteiras nem disciplinas”. Escrevi o que cito em Coimbra, no dia 31 de dezembro de 2014, e aqui o repito. Creio que a sua biblioteca era também a sua forma de construir dentro de casa, pelas mãos dele e para si próprio, o que ele gostaria que a universidade fosse e que terá sido quando era um lugar de saberes e de sabedoria. Era, acho eu, a sua muralha

* Dedico este texto a Maria dos Santos Fernandes, com profunda admiração e carinho (Coimbra, 8 de março de 2016).

contra a pressa, a superfície passageira que ele pressentia na máquina fria e comum em que a universidade se estaria a tornar. Uma muralha de livros, que deviam ser a única matéria de todas as muralhas. Para que fossem apenas reconfortantes, como eu sei que esta era para ele.

Os territórios de António Gama Mendes seriam imensos. Podia ser os que fazia com a ponta dos dedos, flores finíssimas de miolo de pão, sentado a uma mesa, no meio de todas as conversas, e que se tornavam trabalho ainda mais carinhoso se tivesse crianças ao lado. Eram os seus microgramas, diferentes dos de Robert Walser¹, o poeta morto também no inverno, na neve num dia de Natal, mas correspondendo talvez ao mesmo princípio de que há afinidades entre os materiais que se usam e a sensibilidade que se quer pôr num traço que se deixe. O do António era o traço da sua lucidez infinita. Podiam ser os do pão e os do vinho. Ou os da Galiza na sua costa retalhada ou nos lugares quentes onde se cheirava e bebia cidra e se faziam “queimadas”, coisa de função redundante com ele por perto, pois na sua presença nunca seria preciso afastar os espíritos maus nem maldizê-los. Ou as cidades que descrevia em toda a sua lenta formação, com pessoas e atividades lá dentro. Penso nas cidades e, sei lá porquê, ouço-o a descrever Viana do Castelo enquanto por lá se passa. Estou, é claro, a dar vazão às minhas próprias recordações, pessoais, livres e porventura excessivas, visto que um companheiro é com quem se percorreram caminhos. Também podia ser o território ali sob os pés de um local preciso na parte baixa do vale do Mondego, quando este ainda era um rio e não um canal-armazém de água. Onde se apanhavam seixos e se descobria por onde andou Alfredo Fernandes Martins, a memória mais presente de António Gama, quer-me parecer. Ou podia ser, claro, Leiria e a sua, dela e dele, urbanização difusa (qual será a forma certa de dizer isto, António?). Podia ser tudo isto os seus territórios, mas tudo convergia para a sua biblioteca, para o que lá reunia (António Gama Mendes não acumulava livros) mesmo quando fosse para os dar, para que alguns levassem e guardassem um pedaço daquele seu sítio. Como quando me deu a mim um dos exemplares de

¹ Não sei porquê, mas quando li *Doutor Pasavento*, de Enrique Vila-Matas, e o que este escreveu sobre Robert Walser e sobre os papelinhos em que ele escrevia a lápis, terminando a escrita nos limites do próprio o papel, pensei repetidamente nas flores de pão do António.

O Esforço do Homem na Bacia do Mondego: Ensaio geográfico (Coimbra, 1940), o único livro que mandei encadernar e que ponho em lugar nobre.

A biblioteca do António tem livros, claro. Mas tem sobretudo marcas e marcos. Dele, dos objetos que manuseou, dos caminhos que fez, das ideias que reconstruía dentro de si. Da forma como fez os detalhes da sua muralha e da sua felicidade. E como estabeleceu, dentro dela, um mapa próprio de um conhecimento que ele selecionou devidamente para satisfazer o seu gosto de passar por muitos lugares e de os recriar – das várias geografias, à antropologia, à sociologia, à epistemologia, à história ou à economia, estão lá os fundamentos de uma visão do mundo que ele sabia defender ou, então, quando fosse essa a melhor solução, em que sabia resguardar-se, reganhando ali a sua felicidade. É uma biblioteca de ciências sociais. Uma das mais significativas bibliotecas de ciências sociais em Portugal, estou certo disso. Acho que quem a quiser conhecer bem deve levar consigo o autor e saber que pode fazer ao mesmo tempo um mapa de como foi sendo sedimentado em Portugal, ao longo das várias décadas, o conhecimento que um geógrafo muito culto e sensível quis reconstituir sem se preocupar com o que dominava ou passava superficialmente. Adivinхо que todos os interstícios lá estão, nas línguas que preferia, através de autores particularmente estimados por ele e nas ligações subtis que facilmente nos explicaria. Esta biblioteca merece ser estudada nos livros que a constituíram, mas também no que é como notabilíssimo testemunho do estabelecimento do pensamento social no nosso país, numa visão ampla e empenhada.

Felizmente, a biblioteca de António Gama Mendes vai estar à mão, aberta, tratada, bem acompanhada. A Faculdade de Economia, um lugar de todos na Universidade de Coimbra, está a instalá-la e vai abri-la, como já fez com outras bibliotecas pessoais. Em cada momento em que isso acontecer, recordar-me-ei do que tantos de nós vimos vezes sem conta: a alegria discreta do António, distraído a conversar com alguém, com um livro na mão...